



Fábio Ferraz de Almeida

Ninguém quer ser jurado

Uma etnografia da participação dos jurados no Tribunal do Júri

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Direito.

Orientadora: Prof^a. Gisele Guimarães Cittadino

Co-orientador: Prof. Pedro Heitor Barros Geraldo

Rio de Janeiro
Abril de 2013.



Fábio Ferraz de Almeida

Ninguém quer ser jurado

Uma etnografia da participação dos jurados no Tribunal do Júri

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direito da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

Prof. Gisele Guimarães Cittadino

Orientadora

Departamento de Direito – PUC-Rio

Prof. Pedro Heitor Barros Geraldo

Co-orientador – UFF

Fábio Carvalho Leite

Departamento de Direito - PUC-Rio

Victoria-Amália de Barros Carvalho Gozdawa de Sulocki

Departamento de Direito - PUC-Rio

Prof^a. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de
Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Fábio Ferraz de Almeida

Graduou-se em Direito na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) em 2009. É tutor na Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV Direito Rio).

Ficha catalográfica

Almeida, Fábio Ferraz de.

Ninguém quer ser jurado: uma etnografia da participação dos jurados no Tribunal do Júri /Fábio Ferraz de Almeida ; orientador: Gisele Guimarães Cittadino. –Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Direito, 2013.

ix.; 88 f. : 29,7 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Direito.

Inclui bibliografia

1. Direito - Teses. 2. Tribunal do Júri. 3. jurado. 4. etnometodologia. 5. rotina. 6. democracia. 7.identidade. I. Cittadino, Gisele Guimarães. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Direito. III. Título.

CDD: 340

Para meu pai, Fausto (in memoriam).
Por ter sido um pai, na melhor acepção da palavra.

Agradecimentos

Ao final da faculdade de Direito, ainda em Juiz de Fora/MG, tracei o objetivo de me tornar um professor/pesquisador. O primeiro passo, então, seria cursar um mestrado de excelência onde pudesse, por meio do contato com acadêmicos experientes, desenvolver e exercitar as habilidades de docência e pesquisa.

Agradeço, portanto, à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela oportunidade de continuar caminhando em busca dos meus sonhos.

À minha orientadora, Gisele Cittadino, pela liberdade intelectual dada ao longo da pesquisa e pelo apoio incondicional nos duríssimos momentos dessa jornada. Agradeço imensamente por acolher a mim e às minhas ideias.

Ao meu co-orientador, Pedro Heitor, por mais uma vez, ter depositado sua confiança em mim e no meu trabalho.

À CAPES e PUC-Rio pelo apoio financeiro, que possibilitou a dedicação exclusiva à academia e, por conseguinte, a construção desse trabalho sem maiores contratempos profissionais.

Ao professor Carlos Alberto Plastino, pela serenidade e humildade com as quais discute em suas aulas, postura que aprendi a valorizar e pretendo seguir daqui em diante.

Ao professor Fernando Fontainha, por acreditar no meu trabalho e por disponibilizar oportunidades singulares que têm me sido fundamentais nesse início de carreira.

A todos os colegas da PUC-Rio, em especial à Vivi, Naira, Fernandinha e Carol, por terem me dado o prazer da companhia e do convívio quase diários nesses dois anos.

Aos funcionários do Departamento de Direito da PUC-Rio, em especial à Carmen e ao Anderson, por serem sempre solícitos e educados no trato cotidiano.

Aos meus amigos da FGV, em especial ao Carlinhos, Camila, Izabel, Léo, Alexandre e Thiago.

Aos meus amigos, Patrick e Baroa, pelo prazer da companhia diária nesses dois anos no mestrado; Pedro e Léo Vilardi, pelas conversas sempre proveitosas sobre a carreira que optamos; e ao Alexandre, que me apresentou o mestrado da PUC-Rio.

Ao Dr. José Armando, pela generosidade com a qual permitiu a pesquisa no Tribunal do Júri.

A todos os funcionários do Tribunal do Júri, em especial à Flávia e ao Wagner, pelas valiosas colaborações ao trabalho, durante as semanas em que os “perturbei”.

Aos jurados, que gentilmente atenderam meu pedido para entrevistá-los.

Aos familiares, em especial ao meu avô, Cícero, minha tia, Fátima e meu primo, Felipe.

Ao meu irmão e melhor amigo, Fausto Júnior, pelo apoio moral nas minhas escolhas e pelo companheirismo nos bons e maus momentos da vida.

À minha querida mãe, Mary, pelo amor infinito e pela preocupação que tem com a minha felicidade.

Resumo

Almeida, Fábio Ferraz de; Cittadino, Gisele Guimarães. **Ninguém quer ser jurado**: uma etnografia da participação dos jurados no Tribunal do Júri. Rio de Janeiro, 2013. 88p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa pesquisa analisa o processo de participação dos jurados no Tribunal do Júri. Se no campo do direito existe uma escassez de trabalhos empíricos, nas ciências sociais, os estudos negligenciam a dimensão prática do trabalho dos funcionários do tribunal, dando ênfase às sessões de julgamento. Esse texto, portanto, está fundamentalmente preocupado em compreender como o Tribunal do Júri é construído socialmente, por meio das ações comuns e cotidianas das pessoas. A pesquisa de campo consistiu num intenso trabalho de observação participante no Tribunal do Júri de Juiz de Fora/MG e em entrevistas com jurados. Analisando a organização do trabalho cotidiano dos funcionários do tribunal, percebe-se que o papel dos jurados nessas rotinas é marginal, tanto pelas tarefas desempenhadas, quanto pela forma que se expressam ao longo dos procedimentos do júri. Essas rotinas – dentre as quais se inserem os mecanismos de seleção dos jurados e de votação dos quesitos – são construídas para fazer a instituição funcionar. Entretanto, como as pessoas não estão interessadas em participar, os funcionários têm de empreender esforços ao selecionar os jurados, buscando fazer o júri acontecer. Nesse cenário, surgem os jurados experientes, que ganham a predileção do juiz por se colocarem à disposição do tribunal, mas que se relacionam muito pouco com a noção de participação popular na justiça, já que utilizam estratégias de legitimação e de construção de identidade, como a criação de uma associação própria.

Palavras-chave

Tribunal do Júri; jurado; etnometodologia; rotina; democracia; identidade.

Abstract

Almeida, Fábio Ferraz de; Cittadino, Gisele Guimarães (Advisor). **Nobody wants to be a juror**: an ethnography of juror's participation in Jury. Rio de Janeiro, 2013. 88p. MSc. Dissertation – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research examines the participation of jurors in the jury. Whether in the legal research field empirical research is neglected, in the social sciences the studies disregard the practical aspect of court staff's work, emphasizing the trial sessions. This text, therefore, is mainly concerned in understanding how the jury is socially constructed, through the people's ordinary actions. The fieldwork consisted of participant observation in the jury of Juiz de Fora / MG and interviews with jurors. Through the analysis of the organization of court staff's daily work, it is clear that jurors' role in these routines is secondary, both the tasks performed, and the way they express themselves throughout jury's procedures. These routines - among which are included mechanisms for selecting jurors and voting the items - are built to make the institution work. However, as people are not interested in participating, court staff must make efforts to select jurors, trying to make the jury actually happen. In this scenario, there are experienced jurors, who have a predilection of the judge because they place themselves at the disposal of the court. Nonetheless, they have little to do with popular participation in justice, as they use strategies of legitimation and identity formation, like creating a jurors' association.

Keywords

Jury; jurors; ethnomethodology; routine; democracy; identity.

Sumário

1. Introdução	12
2. Metodologia	21
2.1. Definindo o objeto	21
2.2. Construindo um problema de pesquisa	22
2.3. A pesquisa de campo	23
2.4. Obstáculos de pesquisa	25
2.5. Pensando as entrevistas	31
2.6. Realizando as entrevistas	32
2.7. Intensificando a análise dos dados	37
3. O trabalho no Tribunal do Júri	40
3.1. A rotina concertada na secretaria	40
3.2. O lugar diferenciado dos promotores e do defensor público	50
4. Da seleção à associação	56
4.1. Selecionando os jurados	56
4.2. Votando na sala secreta	64
4.3. Ninguém quer ser jurado	68
4.4. A associação dos jurados	75
5. Considerações finais	80
6. Referências bibliográficas	84

Lista de figuras

Figura 1 – Secretaria do Tribunal do Júri

Figura 2 – Armário com processos, os "filhos" dos escreventes

Figura 3 – Mesas de trabalho dos escreventes

Figura 4 – Computadores dos escreventes

Figura 5 – Mesa de trabalho de um dos assessores

Figura 6 – Planta baixa do Tribunal do Júri de Juiz de Fora/MG

O problema que existe... Bem, eu acho que no julgamento ainda existem alguns problemas. Mas isso é coisa da Justiça; é eles que sabem.”

Vilson, jurado.

De fato, quando você ouvir a si mesmo ou outra pessoa dizendo que não deveríamos estudar alguma coisa porque isso já foi feito, é uma boa hora para começar a trabalhar exatamente naquilo.

Howard Becker, *Tricks of the Trade*.

The social, for Garfinkel, is not a composite of variables in a regression analysis. It is not specified by measures of socio-economic status, gender, educational attainment, ethnicity, regional background, or any other social factor or combination of factors. Instead, social facts and social factors are uniquely, singularly, and routinely composed in and through the concerted production and competent recognition of actions on the 'factory' floor. Such performances are social, and their production can be described praxiologically.

Michael Lynch, *Preliminary Notes on Judges' Work: The Judge as a Constituent of Courtroom "Hearings"*